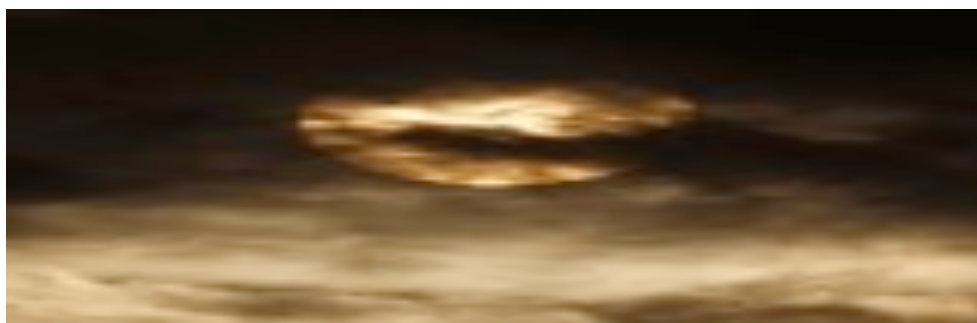


## Aspectos da Sexualidade Humana: Uma ênfase na pornografia

Carla Mariá



O trânsito de Venus<sup>1</sup>

**Resumo:** Para ser considerada idosa, no Brasil, a pessoa precisa ter mais de 60 anos. Essa faixa populacional está aumentando cada vez mais e, portanto, fazem-se necessários mais estudos acerca deste segmento. Respondendo a essa demanda, o presente estudo tem como objetivo analisar a sexualidade na terceira idade, especificamente a pornografia dentro desta faixa etária.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Velhice, Pornografia.

### Introdução

O número de indivíduos considerados velhos está cada vez maior nos países ocidentais. Segundo Vasconcellos *et al* (2004), ocupa uma porcentagem cada vez maior do total da população em todos os países que conseguiram aumentar a expectativa de vida, através de avanços na medicina e meio ambiente, prolongando também as condições de saúde e integração social.

Entretanto, os estereótipos ligados à degradação biológica que, durante séculos, caracterizaram o processo do envelhecimento continuam a impregnar o imaginário cultural. Entre esses estereótipos encontra-se a sexualidade na velhice, um assunto particularmente contaminado por preconceitos que tem

<sup>1</sup> Imagens UOL online, acesso em 6 de junho de 2012

sido negligenciado, tanto por desinteresse dos profissionais da saúde mental, quanto pela inibição das pessoas dessa idade para abordar este assunto (Comfort *apud* Vasconcellos, 2004). Tal fato pode ser atribuído à internalização das normas sociais predominantes.

Em resposta a esta demanda nascente do crescimento populacional, uma prática clínica e elaborações teóricas começam a aparecer no âmbito da Psicanálise tomando em consideração a considerável e constante mudança de valores, abrindo espaço psíquico a uma nova imagem de velhice, com uma transformação no campo da família e, conseqüentemente, nos processos de filiação.

Cabe a indagação: o que é velhice? A velhice não é um estado estanque, mas sim um constante processo de subjetivação. Pode-se, assim, dizer que na maior parte do tempo não existe um “ser velho”, mas um “ser envelhecendo”.

“[...] um conjunto de preconceitos, estereótipos e discriminações que se aplicam aos velhos simplesmente em função de sua idade [...] Este é um preconceito comparável a outros que se aplicam às diversas minorias conhecidas, e inclui a chamada gerontofobia que se refere a uma conduta, felizmente menos frequente, caracterizada pelo medo ou ódio irracional aos velhos”. (Salvarezza *apud* Goldfarb, 1997:13)

Até recentemente, ainda se acreditava que por volta dos cinquenta anos o declínio da função sexual era inevitável, face à menopausa feminina e à instalação progressiva das disfunções da ereção masculina. Porém, a partir do conceito de Freud a respeito da sexualidade, essa perde sua obrigação de procriação e o prazer passa a ser o objetivo da atividade sexual, que é revestida de estereótipos e valores. O motor da prática sexual passa a ser o desejo e as questões orgânicas ocupam um lugar em segundo plano nesse dinamismo.

Apesar de um século haver passado desde os primeiros escritos de Freud sobre sexualidade, ainda aprisiona-se o velho nos sulcos criados pelas rugas de sua face. O velho ao perder seu valor social, perde também seu valor simbólico. Acaba por ser marginalizado, encarado como um sujeito sem futuro, sem projetos. Não tendo futuro, sua existência será pautada pelo passado, e como fruto será possível só a repetição.

Há que se pensar que a repetição precisa ser escutada. Poder escutar a repetição é abrir a possibilidade de dar outro sentido ao conteúdo apresentado e, muitas vezes, ressignificar a própria existência. Quando o velho não encontra lugar para essa ressignificação de sua experiência de subjetivação, sente-se impotente e incapaz. Em última análise, tem-se aqui a aniquilação de qualquer desejo.

Para Feriancic (2003) o envelhecimento representa um duelo entre o tempo *Chronos* e o tempo *Kairós*, ou seja, entre a idade cronológica, marcada pelos dias no calendário e o tempo vivido, determinado pela existência do sujeito. A idade cronológica tende a prevalecer em muitos âmbitos deixando o tempo vivido e a experiência em segundo plano, submetidos ao que é considerado “critério objetivo”. Assim, a sabedoria dos anos e a experiência não parecem suficientes para resguardar os idosos da marginalização familiar, social e cultural e de si mesmos. A objetividade do critério cronológico, que julga e condena, aparta a possibilidade do desejo, e de forma radical do desejo sexual.

Tomando em consideração o contexto hodierno, existe o mito da velhice assexuada. Parte-se da perspectiva da atividade sexual como sujeira, atividade degradante do humano e, pensa-se na velhice enquanto livre dessa prática considerada por muitos, ainda que não se esteja na Idade Média, vício. Porém, estudos revelam que não há problemas nem obstáculos para a atividade sexual na terceira idade, apenas em casos patológicos, como em qualquer outra faixa etária.

Se pouco se pode discorrer sobre o exercício sexual na velhice, nada se pode falar sobre pornografia e velhice. Apesar de haver uma venda social sobre esse tema, pornografia e velhice são dois conceitos que se entrelaçam em determinados momentos e, como qualquer outro fenômeno, pode ser objeto de estudo.

A definição de pornografia, aceita e difundida entre os *experts* dedicados à caracterização desses materiais, afirma que se trata de expressões escritas ou visuais que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais. Essa noção da pornografia, como transgressão a convenções morais sancionadas, está presente em obras de autores, como Pietro Aretino, desde o século XVI e condensa, segundo os historiadores da pornografia, o sentido moderno desse tipo de representação.

Ainda é limitado o exame das implicações das concepções dessa tradição no que concerne à problemática de gênero. A palavra pornográfica acaba subvertendo sua função abstrata de signo para ganhar um corpo próprio que, no limite, substitui o corpo real. A pornografia contesta modos habituais e sancionados de sexualidade e, mais importante, um modelo no qual a diferença sexual está baseada na incomensurabilidade e complementaridade entre, de um lado, o corpo que deseja e, de outro, o corpo que vai se constituindo como objeto do desejo (Gregori, 2003).

De acordo com o apresentado acima é justificado perguntar-se como a velhice é abordada na pornografia sendo que os dois são temas tabus por excelência, traça-se aqui, portanto, o objetivo desse ensaio: caracterizar a sexualidade na velhice e a produção pornográfica nessa área.

Para o cumprimento de tal proposta foi realizada uma revisão bibliográfica a partir de livros e artigos científicos sobre os temas centrais aqui abordados.

## Velhice

Pode-se observar um aumento significativo na porcentagem de indivíduos com mais de 60 anos no âmbito mundial, faixa etária que caracteriza a terceira idade. Segundo Concone (2007), já se pode perceber as mudanças nesta categoria através das diferenças encontradas em estereótipos relacionados à velhice, como inatividade e quietude, agora substituídos pelo estímulo a atividades, formação de novos vínculos afetivos, visando a satisfação pessoal.

Esta imagem encontra-se alterada e é possível perceber como a experiência de envelhecer se transformou nos últimos anos. Silva (2009) diz que através da cultura podemos observar algumas novas significações a respeito da velhice, como uma nova etapa e não como o final da vida apenas, assim como costumava ser vista. Esta nova etapa não apresenta um início marcado, uma delimitação de tempo e espaço, mas se inicia a partir da percepção do próprio sujeito acerca do contexto no qual está inserido.

A velhice surge como uma denominação para esta fase, e se estabelece como um modelo de identidade biopsicossocial. Ela se estabelece no imaginário cultural, e sua adequação aos moldes ideais desse processo aparece como uma opção para os sujeitos que desejam envelhecer de forma satisfatória, vendo essa possibilidade muitas vezes como norma, ou seja, a conduta ideal a ser adotada - para que se enquadrem no modelo ideal do sujeito velho e satisfeito com sua nova condição - celebrando um corpo ativo: “Manter-se ativo, em movimento constante, transitando entre as diversas oportunidades de experiência, são prerrogativas para a vivência da terceira idade” (Blaikie, 1999; Katz, 1996 *apud* Silva, 2009).

Oposta a esta visão, temos a visão dos velhistas, ou seja, o preconceito contra idosos. Butler e Myrna Lewis (1985) descrevem o velhismo como a “discriminação sistemática das pessoas idosas”. Os indivíduos que compartilham deste pensamento veem os idosos a partir de rótulos instituídos ao longo dos anos pela sociedade, como por exemplo, senis, bregas, aborrecidos, descuidados, assexuados, entre outras características pertencentes a este signo.

Laslett (*apud* Silva, 2008) define a terceira idade como o momento para realizações pessoais, diferentemente da concepção geral que podemos observar socialmente de que estas realizações se dão na idade adulta. O autor diz que esta realização seria a concretização de projetos oriundos da “segunda idade”, ou seja, a fase adulta. Ter uma família, desenvolver-se profissionalmente, lograr o auto sustento, entre outros fatores, podem ser observados como exemplos desta concretização de planos. Com a chegada da terceira idade, o indivíduo não está mais preso a obrigações típicas da idade adulta e poderia, então, se submeter a novas obrigações, criar novos laços e perspectivas. A partir desta nova identidade pode-se criar uma nova maneira de experienciar o envelhecimento, como uma fase de consumação de projetos.

Não há que negar que durante esta fase também é vivenciada a limitação corpórea advinda da idade. Silva (2009) relata que esta fragilidade do corpo é percebida de maneira mais ampla, através das mudanças físicas e emocionais e pode ser vivida de maneira paciente e harmoniosa, ou na forma de lamentos, como incapacitante. O conceito de máscara da idade, ou *ageless*, tem sido usado frequentemente para explicar o antagonismo presente na questão do corpo envelhecido e a autoimagem jovial, o que ocasiona alguns problemas relacionados à identidade pessoal.

Featherstone e Hepworth (1991, citados por Biggs *apud* Silva, 2009) instituíram esta definição de “máscara da idade”. Os autores definem o termo como um recurso utilizado pelos sujeitos quando a disparidade entre o corpo que passa pelo processo de envelhecimento e a demanda para as atividades sociais se torna extenuante, causando assim uma insatisfação consigo próprio e seu corpo. A máscara no caso seria este corpo exterior, o invólucro desgastado com o tempo, em oposição ao eu idealizado jovem.

Silva (2009) também relata que autores como Andrews (1999) e Gibson (2000) criticam a adoção deste termo, como hipótese explicativa desta experiência ou mesmo como proposta de solução para este conflito, pois favorece a crença de transcender a idade e suas características implícitas.

Feriancic (2003) ressalta que o preconceito acerca do idoso se estabelece ao lado de estigmas sociais, como por exemplo, do declínio intelectual ou da velhice assexuada. Muitas vezes o próprio sujeito internaliza essas crenças, contribuindo assim para este rótulo. O psicanalista argentino, Ricardo Iacub mostra que a partir do século XIX, no mundo Ocidental, mais uma limitação é atribuída ao velho - a assexualização da terceira idade.

O envelhecimento é um processo biopsicossocial, caracterizado a partir de mudanças físicas, sociais e psicológicas. Vasconcellos (2004) afirma que a subjetividade do envelhecimento é favorecida culturalmente. As modificações físicas nas competências e alterações de papéis dentro da casta social, que ocorrem com o processo do envelhecer, contribuem para a subjetivação desta etapa.

Até pouco tempo atrás se acreditava que o declínio sexual ocorria face à menopausa e problemas de ereção, advindos da chegada da velhice que, juntamente com outras modificações, finalizava a atividade sexual. Ao perder a caracterização da reprodução a sexualidade perdia seu objetivo, ou seja, sua justificativa social. Este conceito é quebrado quando Freud afirma o prazer como objetivo da sexualidade humana.

“As noções de vida e sexualidade começaram a ser ligadas de um modo determinante [sendo] a abstinência da sexualidade [vista como] um meio para evitar o envelhecimento”. Numa segunda articulação, percebe-se a “velhice como um retorno ao inorgânico”; haveria “um

aumento da pulsão de morte devido às mudanças biológicas associadas à sexualidade [assim] concebeu-se o velho como um indivíduo carente de energia, que ao ir se retirando gradualmente deste mundo, favorecia o desenvolvimento da espécie humana”. Finalmente, um “conjunto de quadros patológicos” definiu o desejo sexual referido à velhice e foi construída uma peculiar forma de perversão denominada ‘gerontofilia”. (Iacub *apud* Concone, 2007:28).

### **Sexualidade e velhice**

Foucault (1993) escreve sobre quatro estratégias globais de dominação, constituintes do dispositivo da sexualidade: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do corpo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer "perverso". Essa nova tecnologia sexual surge no século XVIII, criando uma relação entre degenerescência, hereditariedade e perversão.

Segundo Feriancic (2003) o comportamento sexual é bastante complexo, envolvendo o corpo, a mente e as emoções. Assim como outros órgãos, os órgãos sexuais envelhecem o que não significa que parem de funcionar. Envelhecimento não é sinônimo de distúrbios sexuais.

A sexualidade se reveste de características peculiares, conforme a época e o lugar. Determinantes sociais e culturais são decisivos além das experiências sexuais infantis que modelam nossas escolhas posteriormente.

Lewis (1985) discorre sobre o amor e sexo na maturidade, que muitas vezes não são nem reconhecidos pelo outro, ou vistos apenas como algo ingênuo, terno, ou mesmo podem virar alvo de chacotas, chegando até a serem ridicularizados. Esse preconceito é fruto da sociedade, que tem crenças instaladas e pré-concebidas acerca da sexualidade:

“O desinteresse sexual só é motivo de apreensão se for um aborrecimento pessoal ou estiver causando problema no seu relacionamento com alguém. Certas pessoas de mais idade nunca estiveram significativamente interessadas por sexo, mesmo quando jovem, seja por sua constituição física ou, o que é mais frequente, como resultado de um condicionamento social. Para outros, o sexo foi um foco constante de conflito emocional resultante ou causador de relações difíceis com seus parceiros. Para eles e seus parceiros a possibilidade de interromper o sexo sob alegação socialmente aceita de uma idade sem sexo, pode ser um grande alívio.” (Lewis, 1985:pd)

Outro motivo ainda é a compensação das atividades sexuais por outras atividades não sexuais compensatórias, ou mesmo da visão do sexo apenas com a finalidade de procriação.

Vasconcellos (2004) ressalta que as alterações causadas devido ao envelhecimento se confrontam com estes estereótipos e valores internalizados ao longo da História.

Para a Psicanálise, a identidade sexual genital começa a se formar a partir da castração. Ela se insere no plano simbólico de forma a se realizar com a resolução do Complexo de Édipo. Lacan diz que para esta simbolização ser feita é necessário que a criança, em relação ao falo, aceite tê-lo ou não a partir da descoberta que não o é, para que se situe em relação ao ter.

Rodrigues (1991) afirma que é no período da infância que se iniciam as fantasias presentes, por exemplo, em brincadeiras de faz-de-conta, e são recorrentes em nossas experiências ao longo da vida até a velhice, apenas modificando sua maneira de se expressar. Elas são extremamente importantes para o desenvolvimento das necessidades e desejos oriundos das pulsões sexuais, para que os mesmos possam se satisfazer de maneira a respeitar a realidade objetiva, tornando-se apenas patológicas quando são realizadas neste meio, que inclusive é mais aberto no que se diz respeito a fantasias sexuais masculinas do que femininas.

Segunda a teoria lacaniana, o complexo de Édipo é constituído por três tempos: o primeiro que seria a relação dual, ou seja, onde há a díade mãe-bebê; o segundo que seria iniciado com a interdição do Nome do Pai, acessando assim o Registro Simbólico e o terceiro que seria o declínio do Édipo, onde a lei é simbolizada e há a separação mãe-bebê, com a castração simbólica. Lacan (*apud* Faria, 2003) diz que é neste último tempo que a construção da identidade sexual se inicia, a partir da privação materna, levando o sujeito a assumir diferentes posições e tomando diferentes direções, de acordo com seu dado anatômico e como a criança se situa em relação a ele e soluciona então o Édipo. Embora o sexo da criança, seu registro anatômico, seja onde se dá a significação fálica no real deste corpo, este não é o único determinante da posição sexual do mesmo.

Freud (1905) considera como alvo sexual normal “a união dos genitais no ato alcunhado como coito, onde ocorre a descarga da tensão sexual e a extinção temporária da pulsão sexual, ou seja, a satisfação. Todavia, mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como perversões”.

As variações do objeto de desejo são denominadas como: desvios sexuais, perversões ou parafilias, entre outras denominações como psicopatias sexuais, variantes sexuais, ou aberração sexual.

Segundo o DSM-IV *apud* Sexual Health for the Millennium (2008) são listadas oito tipos de parafilia. Para ter uma parafilia, a pessoa deve ter fantasias

sexualmente excitantes, impulsos sexuais e os comportamentos que causam clinicamente desconforto significativo no funcionamento social ou ocupacional, ou em outras áreas importantes de funcionamento.

São as oito parafilias listadas: Pedofilia, Exibicionismo, Voyeurismo, Masoquismo, Sadismo, Travestismo, Fetichismo e Frotteurismo:

- **Pedofilia:** Envolve atividade sexual com uma criança pré-púbere (geralmente com 13 anos ou menos). O indivíduo pedófilo deve ter 16 anos ou mais e ser pelo menos 5 anos mais velho que a criança. Eles geralmente relatam uma atração por crianças de uma determinada faixa etária. Este transtorno começa geralmente na adolescência, embora alguns indivíduos com Pedofilia relatem não terem sentido atração por crianças até a meia-idade.
- **Exibicionismo:** Envolve a exposição dos próprios genitais a um estranho. Às vezes ocorre a masturbação durante a exposição (ou enquanto fantasia que se expõe). Em alguns casos, o indivíduo está consciente de um desejo de surpreender ou chocar o observador; em outros, ele tem a fantasia de que o observador ficará sexualmente excitado. Este transtorno geralmente se inicia antes dos 18 anos, embora possa começar mais tarde. Poucos indivíduos de grupos etários mais velhos são detidos, o que pode sugerir que a condição se torna menos severa após os 40 anos de idade.
- **Voyeurismo:** Envolve o ato de observar indivíduos, geralmente estranhos e sem que os mesmos suspeitem que estão sendo observados, quando estão nus, se despindo ou em atividade sexual. O ato de observar faz com que o indivíduo se excite sexualmente, e geralmente não é tentada qualquer atividade sexual com a pessoa observada, apesar de ocorrer a fantasia. O orgasmo, em geral produzido pela masturbação, pode ocorrer durante o Voyeurismo ou mais tarde, em resposta à lembrança do que o indivíduo testemunhou. Em sua forma severa, o ato de espiar constitui a forma exclusiva de atividade sexual. O início do comportamento voyeurista geralmente ocorre antes dos 15 anos.
- **Masoquismo:** Envolve o ato de ser humilhado, espancado, atado ou submetido de outra forma ao sofrimento. Alguns indivíduos com Masoquismo Sexual podem dedicar-se a atos masoquistas por muitos anos sem um aumento na sua potencial periculosidade. Outros, entretanto, aumentam a gravidade dos atos masoquistas ao longo do tempo ou durante períodos de estresse, podendo acabar em ferimentos ou até mesmo em morte.
- **Sadismo:** Envolve atos nos quais o indivíduo se excita sexualmente pelo sofrimento psicológico ou físico (incluindo humilhação) da vítima. Alguns indivíduos com esta Parafilia se sentem perturbados por suas fantasias

sádicas, que podem ser invocadas durante a atividade sexual, mas não são atuadas de outro modo. Outros atuam segundo seus anseios sádicos com um parceiro que consente em sofrer dor ou humilhação. O Sadismo Sexual geralmente é crônico e alguns indivíduos podem dedicar-se a atos sádicos por muitos anos, sem necessidade de aumentar o potencial de infligir sérios danos físicos. Entretanto, a gravidade dos atos sádicos aumenta com o tempo. Quando o Sadismo Sexual é severo e, especialmente, quando está associado com Transtorno da Personalidade Antissocial, os indivíduos sádicos podem ferir gravemente ou matar suas vítimas.

- **Travestismo:** Envolve vestir-se com roupas do sexo oposto. Geralmente, o homem com Fetichismo Transvéstico mantém uma coleção de roupas femininas, que usa intermitentemente. Enquanto usa roupas femininas, geralmente se masturba, imaginando-se tanto como o sujeito masculino quanto como o objeto feminino de sua fantasia sexual. Este transtorno tem sido descrito apenas em homens heterossexuais. O transtorno tipicamente começa com o uso de roupas femininas na infância ou início da adolescência.
- **Fetichismo:** Envolve o uso de objetos inanimados ("fetiches"). Entre os objetos de fetiche mais comuns estão calcinhas, soutiens, meias, sapatos, botas ou outras peças do vestuário feminino. Esta Parafilia não é diagnosticada quando os fetiches se restringem a artigos do vestuário feminino usados no travestismo. Em geral, a Parafilia inicia na adolescência, embora o fetiche possa ter sido investido de uma importância especial na infância. Uma vez estabelecido, o Fetichismo tende a ser crônico.
- **Frotteurismo:** Envolve tocar e esfregar-se em uma pessoa sem seu consentimento. O comportamento geralmente ocorre em locais com grande concentração de pessoas, dos quais o indivíduo pode escapar mais facilmente de uma detenção (por ex., calçadas movimentadas ou veículos de transporte coletivo). Ao fazê-lo, o indivíduo geralmente fantasia um relacionamento exclusivo e carinhos com a vítima. Geralmente, a parafilia inicia na adolescência.

A sexualidade infantil é na definição dada por Freud, em sua obra *Três ensaios sobre a Sexualidade* de 1905, perverso polimorfa, isto quer dizer que a energia libidinal pode estar dirigida, primordialmente, a partes do corpo que não são as genitais. Um exemplo disso é a concentração da libido na boca nos dois primeiros anos da criança. É pela boca que ela obtém prazer, pois, nesse princípio, sua relação com o mundo se dá principalmente através desse órgão, pelo qual sacia a sua fome. Portanto, no início do desenvolvimento sexual, essa função está associada à manutenção de uma necessidade biológica, o comer, para aos poucos, ao longo das diversas fases, se descolar desse caráter orgânico.

É com a resolução do complexo de Édipo, aos seis ou sete anos, que se espera que a criança atinja o desenvolvimento sexual genital, o que significa que agora o prazer será obtido através dos órgãos genitais e, apesar da função reprodutiva, é marcado pelo simbólico que foi inscrito no psiquismo desse sujeito desde o seu nascimento.

Atingir a fase genital não quer dizer ter passado inócuo por todas as fases anteriores. O desenvolvimento pré-genital, e suas questões consideradas de mais difícil manejo ou traumáticas, pode deixar vestígios dessas primeiras práticas de obtenção do prazer, e aqui encontramos a perversão.

O problema das perversões consiste na concepção da relação entre a criança e mãe, a maneira como o falo é simbolizado, porém só se torna patológico quando o fetiche substitui o alvo sexual tido como normal e torna-se o único objeto sexual satisfatório.

Lacan (*apud* Faria, 2003) então pensa nesta identificação perversa a passagem do segundo ao terceiro tempo do Édipo. Ocorre uma inversão, onde a mãe dita a lei ao pai e o tira da posição de detentor da lei. No momento em que o pai deveria interditar a relação, proibindo assim a possibilidade do sujeito se identificar com o falo, ela o detém. O autor chama de segurança materna a mãe não deixar privar num contexto na qual já foi faltante, e então há a negação da privação.

A mãe, que não possui o falo, intervém como se o tivesse e, então, ocorre a denegação perversa, onde a mãe não tem uma posição definida, nem como a detentora do falo e nem como a castrada. Portanto, a perversão se dá numa posição masculina, entre a afirmação e negação da castração materna.

A perversão encontra o seu lugar entre os processos típicos de desenvolvimento da sexualidade infantil, a partir de uma relação incestuosa, que acontece durante o complexo de Édipo, e dentro desse contexto edípico que a carga libidinal herdada se transforma em culpa e é levado à repressão.

Segundo Freud (1919) uma perversão infantil, pode tornar-se um modelo para a construção de outras perversões similares ao longo da experiência de vida do sujeito.

“Na época que a mais primitiva satisfação sexual estava vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno [...] Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno toma-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro dos objetos é, na verdade, um reencontro.” (Freud, p.210, v.VII)

Alguns tipos de perversão podem ser listados, como por exemplo, zoofilia que é o desejo sexual por animais, ou mesmo a necrofilia que consiste no desejo sexual por cadáveres.

Segundo Rodrigues (1991) apesar de polêmicas, existem uma série de perversões relacionadas à velhice. São algumas delas:

- Anililagnia - Desejo sexual por mulheres idosas
- Anoraptus - Estuprador que apenas ataca mulheres idosas
- Anisonogamistia - Atração por parceiros muito mais velhos ou muito mais novos
- Efebofilia - Necessidade compulsiva da pessoa idosa de procurar parceiros adolescentes para gratificação sexual
- Geronossexualidade - Atração na qual o objeto de desejo apresenta 30 anos a mais
- Gerontofilia - Excitação por parceiros mais velhos; alguns definem a situação quando uma pessoa se excita sexualmente apenas com pessoas significativamente mais velhas, devendo existir, ao menos, 15 anos de diferença entre os dois envolvidos.

Esta última implica na diferença de idade entre os parceiros, sendo o desejo e a busca de complementação sexual de um jovem com uma pessoa bem mais velha. A discussão sobre o quanto deve ser mais velha e algo à parte, pois depende muito dos contextos sociais e históricos. Cifras variando de 15 a 30 anos são apontadas como valores para esta classificação. Outro fator é que esta possibilidade faz parte de culturas e momentos históricos que não afirmam esta condição como parafilica.

“Desde que o professor Freud chamou minha atenção sobre este fato, sei (e só posso confirmá-lo) que, com a idade, as “emanações da libido” sofrem uma tendência a serem retiradas dos objetos de amor do indivíduo, e seus interesses libidinais, sem dúvida diminuídos do ponto de vista quantitativo, voltam a se concentrar no próprio ego. Os indivíduos mais idosos ficam novamente narcisistas como quando eram crianças: grande parte de seu interesse pela família e pelas coisas de ordem social se esvanece e perdem em grande medida sua capacidade anterior de sublimação, especialmente no que se refere à vergonha e ao asco. Tornam-se cínicos, maliciosos e mesquinhos; ou seja, sua libido regressa a etapas pré genitais do desenvolvimento e expressa-se, às vezes, de uma maneira inadequada, na forma de erotismo anal, voyeurismo, exibicionismo, e tendência à masturbação” (Ferenczi, apud Vasconcellos 2004:70)

## Pornografia



Passagem de Vênus pelo Sol

Moraes (2003) diz que: “o vocábulo latino *obscenus* significava originalmente “mau agouro” – a tradição pornográfica que se inaugurou na Europa a partir do Renascimento caracterizou-se pela difusão de imagens e palavras que feriam o pudor, fazendo da representação explícita do sexo sua pedra de toque”.

Segundo Telles (2000) a obscenidade é tudo que ofende o sentimento de decência, sendo censurado dentro da sociedade. Já a pornografia é a representação do comportamento erótico, que pode ser encontrada em filmes, livros, imagens, etc.

A palavra “pornografia” deriva do grego *porni* (prostituta) e *graphein* (escrever) e, originalmente, se referia a qualquer coisa relacionada a prostitutas.

Telles (2000) relata também que pouco se sabe sobre as formas primitivas de pornografia, provavelmente por não ser algo valorizado culturalmente para ser transmitido de geração para geração. Podem-se observar evidências de atividades pornográficas na cultura ocidental em festas gregas dedicadas ao Deus Dionísio, em canções, por exemplo. Também na cultura romana podem ser vistas em Pompéia pinturas eróticas em paredes de locais destinados à orgia. Na época medieval podia-se notar a pornografia nas rimas e versos satíricos, principalmente no que dizia respeito aos monges e outros religiosos, que eram vistos como hipócritas e sua libertinagem sexual era o tema.

Fugindo do âmbito literário, podem-se observar os primeiros trabalhos pornográficos na Europa do século XVII, com o único objetivo de excitação sexual. Estes trabalhos eram traficados na Inglaterra, o que originou a separação dos negócios e da publicação literária. Nesta época a arte gráfica erótica começou a ser produzida em Paris, sendo até conhecidas como cartões postais franceses.

O desenvolvimento das artes gráficas, como a fotografia e o cinema, contribuíram muito para a difusão da pornografia. Foi no século XX que a mesma atingiu um nível altíssimo de produção e acessibilidade.

A Psicanálise propõe que a sexualidade humana não é instintiva, ela vem do Outro, das relações interpessoais e o jogo de identificações contido nela. A

sexualidade é expressa de diversas formas e a pornográfica é a que expõe o sujeito a suas fantasias, provocando assim seu estímulo sexual. Segundo Moraes (2003) a palavra pornográfica subverte sua função de signo para ganhar um corpo próprio, uma representação, substituindo o corpo real.

Piscitelli *et al* (2004) propõe que a pornografia contesta modos habituais de expressão sexual, como a separação do corpo que deseja do corpo desejado, ou mesmo do masculino desejante do feminino desejado, demarcados simbolicamente.

Esse conjunto de símbolos está inserido numa variável histórica, social e geográfica, com signos específicos a cada indivíduo. A pornografia transgride o cenário modelo, onde a atividade sexual visa apenas a reprodução e o encontro heterossexual. Ela traz uma série de práticas e símbolos variados, concernentes a todo tipo de desejo e exercício de fantasias sexuais, seja através de livros, filmes, acessórios, etc., totalmente acessíveis à população, principalmente nos centros urbanos, a todo tipo de pessoa, inclusive crianças, adolescentes e idosos, mesmo com a censura para menores de idade, tem-se fácil o acesso a este material.

## Discussão

A população idosa vem aumentando a cada dia e está inserida em um meio social marcado pela tecnologia e constante mudança de valores impostos pela norma social. A velhice é um processo subjetivo, numa constante transformação. Goldfarb (1998) diz que não existe um “ser velho”, mas sim um “ser envelhecendo”.

A experiência de envelhecer vem se transformando nos últimos anos, de tal modo que as identidades relacionadas à etapa da velhice foram ressignificadas, criando uma nova identidade que ao invés de denominar a velhice como a fase final da vida, a vê como uma nova etapa.

Silva (2008) discorre sobre as mudanças que assinalam o envelhecimento contemporâneo, como o surgimento da terceira idade, como uma idade inovadora, com novos desafios. Ela se inicia a partir da mudança de atitude do próprio sujeito, uma vez que não existe uma demarcação biológica ou social para que ela comece. Nesta etapa, no que concerne às obrigações sociais, o indivíduo já está desvinculado, e esta nova fase tende a ser um período de satisfações pessoais, realizações de projetos e ambições.

Feriancic (2003) relata que a palavra “ancião” (idoso) tem origem do latim medieval *antianus*, que deriva de *antea* e quer dizer pertencente a uma época anterior. Na sociedade atual o fato de “pertencer a uma época anterior” aflige muitas pessoas, mesmo antes de chegarem à velhice de fato.

O envelhecimento representa um duelo entre a idade cronológica (*Chronos*) e a idade vivida (*Kairós*), sendo que nesta disputa o tempo cronológico é o vencedor. Desta forma, a experiência acumulada durante anos não parece ser

suficiente para o resguardo dos idosos que, muitas vezes, são marginalizados na própria família, e na sociedade e cultura. Eles se veem obrigados a negar os direitos sobre o próprio corpo e também sobre sua sexualidade.

Feriancic (2003) diz que preconceitos acerca da sexualidade na velhice estão interligados a outros estereótipos, como por exemplo, o da decadência intelectual. Muitas vezes o próprio velho internaliza esses conceitos e muitas vezes ele mesmo contribui para sua imagem de assexuado. O relacionamento mais íntimo do idoso não é aceito tão naturalmente e visto, muitas vezes, como algo terno e meigo, sem marcas da sexualidade.

A imagem da velhice está ligada a crenças de improdutividade, dependência, doença e de desprazer ou de etapa assexuada da sua vida. Com isto, muitas vezes o idoso fecha-se, instalando-se a solidão, se privando de desejos e então ocorre, muitas vezes, a depressão. Perdendo seu valor simbólico social, passa a ser marginalizado, visto apenas como um ser sem projetos, sem lugar. A imagem do velho incapaz, impossibilitado e oposto ao do jovem viril e produtivo.

Na velhice a função reguladora do Ideal do Eu falha frequentemente, no confronto entre Eu Ideal e a realidade corporal. Para Dolto (*apud* Goldfarb, 1998) o corpo é ferramenta mediadora entre o sujeito e o mundo, diferenciando esquema corporal de imagem inconsciente do corpo. O esquema corporal é estruturado a partir do aprendizado e da experiência em um meio comum a outros indivíduos, e no interior de uma determinada cultura, época e região. A imagem do corpo, pelo contrário, é específica de cada sujeito, de acordo com a sua história de vida.

A nossa sociedade cultua o corpo jovem e sarado, depreciando o corpo velho visto como feio, inútil, impotente. Muitas vezes o próprio idoso acaba por internalizar esta imagem e, muitas vezes, ele mesmo acaba por não se considerar mais como um objeto de desejo, mas sim como um ser sem direito de desejar e ser desejado. O corpo, agora com rugas, mais fraco e frágil, cabelos brancos se torna não atraente até mesmo para o próprio velho, que, muitas vezes busca a jovialidade através dos progressos da Medicina como botox, preenchimentos, cremes, entre outros. A negação do corpo velho traz então a negação da própria sexualidade.

Segundo Feriancic (2003) pesquisas têm revelado que não existem obstáculos para o desempenho sexual de qualquer indivíduo na terceira idade, salvo casos patológicos. A sexualidade abrange dimensão além do prazer, justamente por ser um processo biopsicossocial.

No Sexual Health for the Millennium - A Declaration and Technical Document (2008) - podemos encontrar afirmações de que os indivíduos que experimentam o bem-estar sexual estão mais bem posicionados para contribuir para a melhor qualidade de vida da comunidade. A promoção da saúde sexual fomenta, inclusive, a realização da paz. A saúde sexual não pode ser atingida nem mantida sem direitos sexuais, que são parte integrante dos direitos

humanos, inalienáveis e universais. A sexualidade é parte integrante da personalidade de cada ser humano. Seu desenvolvimento depende de satisfações básicas como prazer, contato, intimidade, entre outros. Ela é construída através da interação entre o indivíduo e seu contexto social.

Vitiello (1996) diz que o que é tido como normal dentro da cultura seria o casal heterossexual, onde o homem é um pouco mais velho e mais alto que a mulher, sendo ambos aproximadamente do mesmo contexto socioeconômico. Sendo assim casais destoantes deste estereótipo, seriam vistos como pares anormais. Desde a segunda metade do século XIX a ciência médica, especialmente no mundo ocidental, exercia autoridade considerável sobre sexualidade e o prazer sexual e era, muitas vezes, visto como patologia, transformado inclusive em morbidade. Por exemplo, a masturbação, o desejo homossexual, foi até muito recentemente visto pela Medicina como sintomático da doença psiquiátrica e perversão.



As variações do objeto de desejo são denominadas como: desvios sexuais, perversões ou parafilias, sendo uma quebra da norma social. No que diz respeito a perversão ocorre uma inversão dentro do Complexo de Édipo, onde ao invés do pai interditar a relação mãe-bebê, a mãe que detém a lei, a partir da privação materna. Segundo Faria (2003) a mãe que não possui o falo, intervém como

se o detivesse, ocorrendo então a denegação perversa, onde esta mãe não possui um lugar definido, não se posiciona nem como quem tem o falo e nem como castrada.

Freud (1919) diz que a perversão persiste até a maturidade e que, através de uma investigação anamnésica, pode-se chegar ao que conduziu uma fixação na infância. Segundo o autor, na época que a satisfação sexual estava vinculada à necessidades primitivas, como a de nutrição por exemplo, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo de desejo, no caso, o seio materno. Isto se torna o modelador para todos os relacionamentos amorosos ao longo da vida do indivíduo, o encontro de novos objetos de desejo é na verdade um reencontro.

A partir dos diferentes objetos de desejo vemos diferentes configurações da sexualidade humana. Foucault (1993) propõe dois conceitos: o de *ars erótica* e o da *scientia sexualis*. Segundo o autor *ars erótica* é própria de civilizações como Roma, Índia, China, entre outras, que buscavam formas de ampliar o prazer, onde a verdade sobre o prazer é extraída do próprio saber. Já no

ocidente configurou-se a *scientia sexualis*, que é centrada na produção de saberes sobre a sexualidade. A ruptura com as tradições da *ars erótica*, em nossa sociedade, constituiu uma *scientia sexualis*. Atribuiu-se a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, dentro do que é científico.

Entrando no âmbito erótico, no que se remete à pornografia podemos dizer que sua definição aceita e difundida é: "Expressões escritas ou visuais que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais" (Gregori, 2003).

Dentro de um modelo social que diferencia a sexualidade se baseando na complementaridade de um corpo desejante e o corpo desejado, há vários símbolos demarcando esta relação, do feminino e do masculino.

Segundo Telles (2000) a pornografia já estava presente em diversas culturas, principalmente em festas oferecidas a deuses, como por exemplo, o deus grego Dionísio. Porém foi com a invenção da imprensa que este material se difundiu. Com o aparecimento de livros e, mais tarde, com o desenvolvimento da fotografia e do cinema, estes materiais foram difundidos mais facilmente. Desde a Segunda Guerra Mundial a pornografia escrita, tem sido superada pela visual, sendo que esta visa apenas a excitação sexual e satisfação de desejos e fantasias, sem nenhum atributo artístico ou social.

A pornografia tem sido alvo de punições legais e morais, motivadas por crenças de que a mesma leva à corrupção dos indivíduos, independente da idade, e também a cometer crimes sexuais.

Na década de 1970, a polêmica acerca da pornografia foi fortalecida pelo movimento feminista, onde foi deslocado o eixo da discussão que era sobre moral e religião para as diferenças de gênero (masculino e feminino).

Uma contribuição trazida pelo movimento feminista, segundo Telles (2000) é a de que a pornografia tem uma visão machista, colocando a mulher quase sempre como submissa. No entanto com a visão feminista a mulher deixa de ser objeto e passa a ser vista como um ser humano autônomo, capaz de sentir desejo e prazer.

Segundo Feriencic (2003) nossa sociedade é permeada por preconceitos e a educação sexual sempre foi distorcida e reprimida, e o velho visto como apenas um corpo deteriorado, e não como um ser desejante.

Em resumo, podemos dizer que o que se refere ao normal seria a satisfação do parceiro e da parceira, desde que isso não traga riscos ou danos a nenhum dos dois. Em outros animais a sexualidade é apenas instintiva, diferentemente do ser humano, onde o processo se caracteriza pela sua complexidade, inserido em diferentes contextos.

## Conclusão

A partir da revisão bibliográfica de temas relacionados à sexualidade, pornografia e terceira idade, pode-se observar uma dificuldade de entrelaçamento dos mesmos.

Há literatura no que diz respeito à terceira idade e à sexualidade, há muitos escritos sobre pornografia, mas pouquíssimo se fala sobre pornografia e velhice. No tocante à pornografia, existem diversos textos sobre pornografia infantil, adulto e Internet, mas nada relacionado à senilidade. Apenas em vídeos pode-se encontrar material relativo a este aspecto sexual, que não seja determinado como perversão ou desvio do padrão.

A sociedade está acostumada com os padrões impostos, como por exemplo, do que é ou não normal. A normalidade, na questão da sexualidade, é definida por um casal jovem, heterossexual, com o homem um pouco mais velho, dentro de um mesmo contexto socioeconômico. Qualquer representação que não se enquadre nesta definição é tida como anormal ou desviante.

A população idosa está crescendo cada vez mais e, ao contrário de crenças já existentes de que o velho é impotente ou incapaz, nos dias atuais, com o advento de medicamentos e a instituição da “Terceira Idade”, como uma nova etapa da vida e, não como uma fase final. Além de educação e orientação, para todos as faixas etárias inclusive os idosos, é possível que um indivíduo alcance idades avançadas podendo ter seu desempenho sexual muito bom, dentro de seus limites físicos e mentais.

O preconceito acerca da sexualidade na maturidade está implícito no contexto social. A visão do avô ou avó, apenas como bons velhinhos sem desejos e totalmente dependentes, ainda é muito marcante. Porém, esta realidade está mudando e cada vez mais se fala sobre o sexo na terceira idade, quebrando antigos paradigmas que envolvem questões morais, religiosas e culturais.

A sexualidade, por si só já é constituída de vários preconceitos e paradigmas, até mesmo por ser um processo complexo de desenvolvimento nos seres humanos, envolvendo cultura, sociedade e corpo físico. Seus diversos aspectos são de enorme importância para estudos e, no que diz respeito à velhice, constitui-se uma enorme lacuna, principalmente em questões mais polêmicas, como perversões e pornografia.

Por fim, conclui-se que a partir desta lacuna é de suma importância novas pesquisas da área, uma vez que tende a ser uma demanda em crescimento. E, também, para essa quebra de preconceitos, inclusive dos próprios profissionais da área da saúde, que muitas vezes se abstém desta visão do idoso como ser desejante, se atendo apenas às questões biológicas do mesmo.

## Referências

- Adami, Mila Baleeiro de Sá. O erotismo. *CienteFico*. Ano III,v.Salvador, 2003. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 20; 2003 [acesso em 01 jun 10]. Disponível em: [cielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010483332003000100001&lng=en&nrm=isso](http://cielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332003000100001&lng=en&nrm=isso)
- Calligaris,Contardo. Corpos idosos e eróticos. *Jornal Folha de São Paulo*. São Paulo; 2008.
- Concone, Maria Helena Villa Boas. Medo de envelhecer ou de parecer? *Revista Kairós*, São Paulo, 10(2); 2007,19-44.
- Costa, Adriano Medeiros. *Quando velhinhos descobrem o cinema pornô* [online] In: Adriano Medeiros Costa. [acesso em 07 maio 10]. Disponível em: <http://www.combase.educ.ufrn.br/adriano>
- Faria, M.R. Complexo de Édipo e estruturas clínicas. In *Constituição do sujeito e estrutura familiar*. Cabral livraria e editora universitária, Taubaté: São Paulo, 2003, 87 -118.
- Feriancic, Maria Margarete. Envelhecimento e Sexualidade. *Rev. Kairós*,(6), 2003, 133-146.
- Ferreira, Daniel Vanderson. Erotismo, libertinagem e pornografia: notas para um estudo genealógico das práticas relacionadas ao corpo na França moderna. *História da Historiografia*.Ouro Preto,nº03; 2009.
- Foucault, Michel. História da Sexualidade I: *A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- Freud S. *Três ensaios sobre sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1905]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII.
- Freud S. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago; 1980[1917-1919]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XVII.
- Goldfarb,Delia Catullo. *Corpo, Tempo e Envelhecimento*. Ed.do Psicólogo. São Paulo; 1998.
- Gregori, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 20; 2003.
- Kalache, Alexandre; Veras, Renato P.; Ramos, Luiz Roberto. O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, (21)3 1987.
- Lewis, Myrna; Lewis,Robert; N.Butler. *Sexo e amor na Terceira Idade*. Ed.Summus,(3).São Paulo, 1985.
- Manchesky, Denis et al. *Pornografia na Internet*. Paraná; 2004.
- Moraes, Eliane Robert. O efeito obsceno. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 20, 2003.
- Paula Carvalho, José Carlos. Old age, otherness and prejudice: dimensions of the group imaginary relative to the elderly. *Interface \_ Comunicação, Saúde, Educação*, (3) 5, 1999.

Telles, Sérgio. *Pornografia-algumas ideias iniciais*. [on-line]. [acesso em 13 abr 10]. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/arquivo/psi1000.htm>

*Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. (7)2 - Julho a Dezembro de 1996. Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana – SBRASH.

Rodrigues, Oswaldo Martins Jr. *Objetos do desejo: das variações sexuais, perversões e desvios*. Ed. Iglu. 2ªed. São Paulo; 1991.

Silva, Luna Rodrigues Freitas. Autonomia, imperativo à atividade e "máscara da idade": prerrogativas do envelhecimento contemporâneo. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, (21), n. 1, Apr.; 2009 .

Silva, Luna Rodrigues Freitas. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? *Physis*, Rio de Janeiro, (18), n. 4; 2008.

Vasconcellos, Doris et al . A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas - comparação transcultural. *Estudos de Psicologia*. Natal, (9), n. 3, Dec. 2004.

Vitiello, Nelson. O exercício da sexualidade em fins do século XX. *Revista brasileira de sexualidade humana*. 1996 jan./jun. 7( 1): 15-30.

World Association for Sexual health. Sexual Health for the Millennium. A Declaration and Technical Document. Minneapolis, MN, USA: World Association for Sexual Health; 20.

*Data de recebimento: 15/05/2012; Data de aceite: 07/07/2012*

---

**Carla Mariá** - Psicóloga pela Universidade Nove de Julho. Curso de Atualização em Gerontologia no HC. Atualmente faz Especialização em Gerontologia pela PUC-SP – Campus Ipiranga. E-mail: [carlapw@hotmail.com](mailto:carlapw@hotmail.com)